REVISTA RAÍDO

OPEN ACCESS

UFGD

DOI: 10.30612/raido.v19i48.20341

Ações e atos de universitários formadores de professores: a pesquisa como discurso

Actions and acts of university teacher trainers: research as discourse

Ludmila Thomé de Andrade[1]
E-mail: lud@litura.com.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-0481-5114

Resumo: Situada a partir de posições ocupadas dentro do campo universitário como professora, pesquisadora e extensionista, inauguramos um projeto de pesquisa que observe as enunciações docentes e discentes, identificando traços significativos de transformações possíveis. A justificativa é a necessária transformação identitária dos sujeitos acadêmicos docentes e discentes. Apresentamos princípios de uma pesquisa *mater* que se inaugura, sob a qual outras se articularão. O objetivo consiste na observação, seleção de eventos relevantes e sua análise crítica, de modo a constituir o foco em nossa própria ação acadêmica, tomada como sua vertente formadora de professores na universidade. Como resultado, almeja-se estabelecer balizas teóricas e critérios coerentes que construam a proposição de uma régua ou medida, a funcionarem num tempo futuro, quando as ações junto a outros discentes – alunos da escola da Educação Básica – produzirão efeitos imponderáveis, pois apostamos que em termos de experiência, o que agentes docentes universitários fizermos com nossos estudantes pode ser condicionante do que estes farão com seus alunos. As formas como concebemos nossas próprias ações podem agir em prol da produção de um jogo de imagens, interconstitutivo entre estudantes e professores universitários, já beneficiado por constituições de outros discursos, produzidos no âmbito da extensão universitária (Pêcheux, 2014; Geraldi, 1992).

1 Professora Titular de Formação de Professores, Faculdade de Educação UFRJ, Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Formação Docente; Letramentos Universitários; Universidade e Escola; Discursos.

Abstract: Based on positions held within the university field as teachers, researchers, and extension workers, we have launched a research project that observes the statements of teachers and students, identifying significant signs of possible transformations. The rationale is the necessary identity transformation of academic teachers and students. We present the principles of a new research project, under which others will be articulated. The objective is to observe, select relevant events and critically analyse them, in order to focus on our own academic action, taken as its teacher training aspect at the university. As a result, we aim to establish theoretical guidelines and coherent criteria that will construct a proposal for a rule or measure to be implemented in the future, when actions with other students – pupils in basic education – will produce immeasurable effects, because we believe that, in terms of experience, what university teaching staff do with our students may condition what they will do with their pupils. The ways in which we conceive our own actions can act in favour of the production of a set of images, interconstitutive between students and university teachers, already benefited by the constitutions of other discourses, produced within the scope of university extension (Pêcheux, 2014; Geraldi, 1992).

Key-words: Teacher Training; University Literacies; University And School; Discourses.

INTRODUÇÃO

Este texto quer delinear um espaço de bastidores da cena da própria pesquisa em questão. Assim, ele testemunha um momento inicial de sua composição e desenha os contornos que recortarão a realidade a ser pesquisada: as relações universitárias em vigor, entre docentes pesquisadores e estudantes de graduação[2]. A autora deste artigo integra uma equipe de pesquisa na qual a partir de diversos ângulos, costurando-se diferentes aspectos temáticos, cada autor buscará se situar no espaço de discurso universitário, e assim se aproximar, compreender e refletir: De que lugar olhamos? Cada sujeito pesquisador deve se situar, em pesquisas educacionais que investigam os atos pedagógicos e especialmente as que assumem a perspectiva do discurso. As balizas iniciais devem justificar a temática a ser aproximada e compreendida, para que se construam sua problematização e a fixação de objetivos e consequentemente os desenhos metodológicos que sejam coerentes com estes últimos, em prol de resultados apontados como esperados numa pesquisa que se anuncia.

A arquitetônica (Bakhtin, 2003; Rojo; Melo, 2014) da pesquisa aqui em tela sustenta-se a partir de quatro projetos autorais que se contemplam nos pressupostos estabelecidos[3]. O espaço a ser mapeado, terreno da pesquisa, produz-se entremeado nas tensões das relações universitárias entre docentes e discentes, diante das quais queremos inaugurar um escopo de olhar *observatório*, com um aparato de pesquisa que desenvolva propositivamente procedimentos metodológicos a serem expandidos em diversos cursos de formação universitária. Tais relações e suas tensões particulares podem ser constantemente observadas e avaliadas, para serem passíveis de serem revistas e transformadas. Do lugar de pesquisadores sobre a linguagem e a formação de professores, essas relações nos intrigam e instigam a uma mobilização, para empreender uma exploração reflexiva que nos permita compreender para transformar.

Autores vêm se debruçando sobre aspectos em jogo nas relações de letramento acadêmico, especialmente destacando-se pesquisas dentro do conjunto de trabalhos no campo dos Estudos de Letramento (Street, 1984), em geral, cuja tematização de-

2 Pontuo este espaço discursivo como meu lugar de fala, de onde produzo minha enunciação de pesquisa, o qual, porém, tem pouco valor em textos de pesquisas, nos quais, pressupostamente, se quer apresentar preferencialmente resultados consolidados (RIBEIRO, 2019).

3 O Grupo de Pesquisa intitulado Letramentos Acadêmicos: Contornos Genéricos é composto por pesquisadoras com objetos de pesquisa definidos em articulação direta com este trabalho aqui exposto. São elas: Alessandra Fontes (Professora FE-UFRJ), Claudiane da Conceição Almeida (IC LEDUC FE UFRJ) e Natália Gonçalves da Rocha(IC LEDUC FE UFRJ).

tém-se sobre o letramento acadêmico. Ora, vale lembrar que as pesquisas sobre o letramento são de autoria de professores universitários, que atuam como agentes de letramento no âmbito do ensino superior, agentes atuantes na universidade, uma instância agenciadora de letramentos e os principais negociadores destes letramentos são os professores universitários. É desta forma que situamos nossa própria ação como agente universitária formadora de futuros professores da Educação Básica.

Numa Universidade pública federal, trabalhando na educação, em meus anos de carreira, venho assumindo atividades que têm seus pedais, para se equilibrar nas três dimensões: pesquisa, ensino e extensão. Respondo pelo lugar de formadora de professoras da Educação Básica, pesquisando especialmente sobre a temática disciplinar educacional da alfabetização, o que me conduziu sistematicamente à reflexão sobre processos formativos em diálogos entre Universidade e Escola, entre professoras, universitária, de um lado, e atuantes na Educação Básica, de outro.

Situarmo-nos tão próximas ao objeto a tratar torna desafiadora esta pesquisa, pois olhar para si mesmo e suas próprias ações exige elaboração aprofundada, mas é se propor a ser responsável no sentido bakhtiniano de ser responsivo, analisar as interações com olhar de quem quer se entender, em nossos próprios gestos didáticos, e não analisar o que se vê apenas como efeitos observáveis. Será observada a responsividade que tramamos e provocamos nos discentes, sobretudo porque como resultado de nossas análises proporemos formas de agir, estabelecendo direcionamentos, vetores de intervenção futuros (Castro, 2008).

Além de ser uma instância acadêmica habitada por agentes de letramento, a universidade forma futuros agentes de letramento. O ensino superior pressupõe as etapas anteriores da Educação Básica e aponta para etapas superiores à graduação. Sendo assim, neste espaço situado, os estudantes projetam suas expectativas profissionais, pois em poucos anos estarão no chão da escola da Educação Básica, habilitados e formados, atuando como professores e formando crianças e adolescentes.

De lá vieram, para lá retornarão, porém em outra posição, a de docentes.

O olhar dirigido por professores universitários constitui estudantes de tal forma que, ocupando o lugar de discentes, são transformados em docentes da educação básica, sendo interpelados, por sua vez, por alunos da Educação Básica, em mediações qualificadas. O jogo de espelhos de identidades docentes/ discentes desenha-se pelas interações, numa composição alteritária polifônica, sendo pois, constituído por

interlocuções que se produzem nas enunciações sócio-históricas (Geraldi, 1992; Pêcheux, 2014). As práticas que implicam nos jogos de letramento universitário formam futuros agentes de letramento escolar.

Colocam-se para nós perguntas mais amplas: Por processos de formação profissional, ambos os letramentos, escolar e acadêmico, instituídos em instâncias distintas, se subsidiam reciprocamente? Se podemos observar que o letramento escolar é a base para o letramento do ensino superior - formador de professores-, este letramento acadêmico, por sua vez, subsidiará os agentes de letramentos escolar nas trajetórias de suas carreiras? Pode-se dizer que do compósito de experiências letradas que se instituem e desenvolvem nas esferas escolar, acadêmica e profissional docente, emergem subjetividades discursivamente marcadas? Ter em vista estas camadas constitutivas de subjetividades múltiplas poderia auxiliar a calibrar as interações entre docentes e discentes no ensino superior?

Que discursos participam ativamente de uma formação profissional docente? Ao ocupar os espaços de enunciação numa formação universitária, aprendem-se, de um ponto de vista institucionalizado, formas de falar, ler, escrever e analisar a linguagem. Tais enunciações assim situadas traduzem constituições subjetivas em processos. Podem ser enquadradas em gêneros discursivos específicos, naturalizados no contexto ou reconhecidos por estarem em pleno movimento histórico de inovação genérica. Que gêneros produzem as possibilidades discursivas numa experiência de letramento acadêmico? A composição discursiva resultante é complexa, há superposição em camadas, e simbolicamente, as práticas nas quais se inscrevem as ações e os atos universitários sobrepõem-se sucessivamente, constituindo as alteridades docentes e discentes.

Nesse contexto, o objeto de pesquisa em tela é nossa própria ação formadora de professores na universidade. Nosso objetivo é projetar uma medida, baseada em critérios, que se projete para um tempo futuro, de modo a medir nossas ações universitárias que configuram a experiência de letramento acadêmico que tornam os sujeitos estudantes universitários em professores da educação básica. Que gêneros devem lhes constituir? Escrever que tipo de texto lhes faz melhores professores? Os gêneros universitários lidos, escritos, estudados e tratados fazem estes sujeitos mais aptos a estarem com seus alunos, crianças da educação básica? Suas ações futuras junto a seus alunos da escola da Educação Básica ficam marcadas por esta experiência acadêmica que nós implementamos?

Em termos de experiência, o que fizermos com nossos estudantes pode ser condicionante do que estes farão com seus alunos. Nossos olhares, portanto, as formas como concebemos nossas próprias ações, podem ser projetadas em prol da produção de um jogo de imagens, interconstitutivo entre estudantes e professores universitários, já beneficiado por constituições de outros discursos, produzidos no âmbito da extensão universitária (Pêcheux, 2014; Geraldi, 1992).

Como resultados da pesquisa, modos de interação universitária poderão ser preconizados, de forma a imprimirmos um olhar cuidadoso, que aponte para a atenção a novas identidades em plena emergência a acontecer neste contexto. Nos atos das interlocuções universitárias, cujos propósitos são formar estudantes, e/ou lhes constituir como professores, aqui destacados como nosso objeto, algumas questões surgem. Que consciência, ou o que vemos no que fazemos nesta tarefa? Desejamos atravessar os estudantes em sua perspectiva, ou seja, o que pretendemos imprimir no Outro nosso estudante, a quem propomos (/impomos) leituras, gêneros a serem produzidos, práticas sociais de oralidade e participação interativa, dentre outras práticas sociais de letramento universitário? Quais são as nossas intencionalidades e como avaliamos o retorno recebido? Essa perspectiva oculta sobre os modos docentes acadêmicos deverá ser sempre escrutinada em compasso com aquela dos discentes que por ela também são marcados, mesmo sem consciência ou intencionalidade explícita.

As ações discursivas tecidas no bojo das interlocuções de ensino podem ser observadas e analisadas em seus efeitos e assim buscadas formas de transformação da realidade. Dentre as três vertentes – ensino, pesquisa e extensão - de modalidades de ações inerentes ao posto de professor universitário, a primeira é a função mais próxima da formação profissional. Mesmo que as três funções possam cumprir a função formadora de profissionais da educação, a vertente do ensino prevalece, como mostraremos na próxima sessão, em que aprofundamos a abordagem do terreno universitário.

2 A FORMULAÇÃO ENTRE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO

A relação entre ensino, pesquisa e extensão torna-se um ponto de suma importância para a montagem que queremos propor. Situadas numa universidade pública,

as atribuições, oportunidades e eventos de letramento se sustentam sobre o tripé em tela, fulcrando-se a polifonia dos atos dos diferentes atores universitários que se formam agentes de letramento.

Ensino, pesquisa e extensão: modalidades curriculares universitárias. Alimentam-se mutuamente e podemos destacar as relações em par, que energizando-se e imantando o triângulo. Por exemplo: o ensino e a pesquisa. São trazidos frutos da pesquisa para a dimensão da graduação de estudantes, partícipes em suas vidas do universo de práticas universitárias (Moita e Andrade, 2009). Situados obrigatoriamente no pé do ensino, os estudantes, em seu percurso curricular formador de professores, passam a conviver com teorias, conceitos, resultados de trabalhos etc. que integram sua formação. No ambiente universitário, respiram-se conhecimentos, atualidades, informações e estudos, e o ensino que é oferecido a estudantes para se tornarem professores, se embasa num arcabouço de conhecimentos, atualizado pela produção de pesquisa. O ensino se atualiza em função da produção de conhecimentos de pesquisa e assim o currículo formador de professores é embalado pelos discursos de pesquisa, que traçam a epistemologia de atualidade do campo educacional.

Outro par: a extensão, que se define por estender os mesmos conhecimentos de pesquisa a campos não obrigatoriamente marcados por práticas tipicamente universitárias. Estender os conhecimentos produzidos pela pesquisa para além do currículo de ensino universitário, ultrapassando os muros da Universidade e diretamente conectando-se à sociedade, comunicando-se inclusive com públicos que não tiveram em suas experiências sociais o pertencimento a esta instituição. É nesse espaço da extensão que se inscrevem as formações continuadas de professores, oferecidas pela Universidade. (Freire, 1983)

Na tecitura das relações acadêmicas por dentro das salas de aula, a intenção é observar o ensino, entre docentes e estudantes, porém, no presente trabalho, esta análise se fortalece de outros braços de pesquisa articulados, da pesquisa e da extensão. Em coerência com os trabalhos que se focalizam sobre o Letramento Acadêmico, a pesquisa observa e analisa os efeitos de sua ação: como se lê? Do que se fala? Como se fala do que se lê? Como se escreve? Como se escreve do que se lê? Quem lê? Quem escreve?

O desafio é observar os desdobramentos de um discurso de pesquisa nas modalidades de ensino e de extensão e destacar sentidos e significações que recobrem e impulsionam a formação de professores. Articular formação inicial e formação con-

tinuada de docentes, buscando observar de que forma a experiência do letramento acadêmico permite aos sujeitos enquadrarem suas formas discursivas de expressão, o que se daria por uma matriz da pesquisa. Buscar sentidos inusitados, por dentro de representações mútuas que se entrechocam e se tensionam, entre docentes e discentes, estudantes, professores em formação, formadores e pesquisadores. As significações se nuançam, desde a formação inicial, estendendo-se até a continuada, esta última podendo ter caráter de pós-graduação, *lato* ou *stricto sensu*.

A gama de variações discursivas que se apresentam nas interlocuções entre pesquisadores formadores e professores situados em sua posição de discentes a ser formados é observada, destacada e analisada. Este trabalho investe na necessidade de analisar nossas próprias ações universitárias, quando dos momentos em que agindo como agentes formadores impactamos a identidade de estudantes universitários. Desde o ensino, porém na sua continuação, em formações continuadas, nessas ações, a pesquisa quer se conscientizar para intervir. Para fazê-lo, focalizamos diferentes níveis da carreira docente, pois os sujeitos estudantes ou professores já formados têm caracterizações identitárias distintas.

Obrigatoriamente, desde a primeira habilitação à profissão, docentes universitários atuam na formação inicial de professores, no âmbito do ensino. Os conhecimentos dos campos da pesquisa se apresentam como novidades para os estudantes, sua relevância no campo é validada por nós, professores que formamos *futuros* professores.

Agimos eventualmente também na dimensão da extensão, tendo por interlocutores formandos professores já engajados em sua carreira profissional, que buscam na universidade a sua formação continuada. Propomos conhecimentos aos que ocupam posições nos tempos da formação, inicial ou continuada, que são desafiados pela realidade de ensino em questão, ressaltando-se eventos de letramento.

Finalmente, ainda que não de forma obrigatória, atuamos em processos formadores de pós-graduação, *lato* ou *stricto sensu*, orientando estudantes em formação de pesquisa, que frequentemente (na área de conhecimento educacional) são professores, que investigam aspectos e questões da Educação Básica. Destacam, tematizam, problematizam e narrativizam em suas monografias, dissertações e/ou teses, no percurso de suas escritas de pesquisa. De sua experiência profissional com a prática educadora, constituída no chão da escola e no tempo de seus cotidianos, extraem problematizações, a partir das quais produzem textos que ganham espaço como narrativas autorizadas a serem consideradas como pesquisas docentes no campo da educação.

3 A PESQUISA FORMAÇÃO COMO AÇÃO DE INTERVENÇÃO

O objetivo geral de analisar os diversos níveis de ação universitária junto a (futuros, estabelecidos ou pesquisadores) professores, nesta gama de atuação de pesquisadores professores extensionistas no ensino superior, conduziu à decisão metodológica da escolha por uma *pesquisa-formação*, modalidade de pesquisa que se propõe a ser uma intervenção, necessariamente de tipo formativa, definida como uma pesquisa que concebe, critica e busca transformações em contextos de formações docentes em vigor, das quais o próprio pesquisador se inclui na realidade analisada e observa suas ações, se dispõe a olhar para si. O que se analisa como efeitos da formação observada é fruto das próprias ações formadoras. A pesquisa formação tem sido defendida por autores do campo da educação, que investigam processos de formação docente e se distanciam de abordagens teórico-metodológicas pelas quais se descolam do objeto estudado da formação dos professores.

> A delimitação do conceito de pesquisa-formação suscita um olhar retrospectivo para o contexto das investigações em educação no qual (...) predominavam pesquisas em que se tomavam professores e seus saberes como objetos de estudo. (...) novas formas de investigação passaram a concorrer com esse olhar (...), despontam estudos que conciliam pesquisa e formação de professores e, por conseguinte, possibilitam a participação efetiva de professoras e professores nas atividades realizadas cuja finalidade caminha mais à promoção da formação do que essencialmente à coleta de dados (Longarezi & Silva, 2013, *apud* Cruz *et al.*, 2021 e *idem* 2025).

Desde 2011 (Andrade, 2011), vimos defendendo essa coerente integração da ação do pesquisador em suas atividades de formação, buscando olhar para o campo e seus agentes professores em formação na relação alteritária e interconstitutiva. A formação é considerada como um trabalho coletivo, polifonicamente discursivizado, e se assume que a alteridade é constitutiva do que resulta como processo formativo, seus agentes são praticantes de letramentos situados.

Observar-se, olhar para si, para seu próprio trabalho, entrevendo no que se olha possibilidades de constituição de (novas) subjetividades de docentes, em sintonia com as mudanças que se produzem na atualidade do campo de pesquisa e em sintonia com as necessidades que urgem e demandam no campo educacional, é sentir o pulsar no chão da escola. Vetores tensionam-se, entre a teoria e a prática. Porém,

é preciso ressaltar: entre a teoria da qual se é portador e frequentemente mesmo autor, e a prática, que se apresenta como um desafio, interpelando a teoria em suas possibilidades de nomeação dos acontecimentos e transformações dos processos, desenvolver uma pesquisa sobre a temática da formação de professores nos faz incorrer em construir um olhar sobre os professores, suas identidades e seu letramento profissional. É identificar suas demandas e suas buscas na Universidade, por possibilidades de transformação de suas realidades de ensino, nas relações com os alunos na escola.

Nessa arena de forças, a ação do pesquisador formador vai se carregando de sentidos. Cremos ser possível assumir o ponto de vista de pesquisa que situa o raio de interesse pela *formação de professores* como uma equação polifônica, tomada em pelo menos duas principais nuances de sentido. Por um lado, com o foco voltado a uma *formação* de professores, o que significa voltar-se a processos iniciais de formação e se situar sobre o termo da *formação*, indo na direção de observar aspectos e características de algo que ainda não está formado, observando o processo que está se operando para que isto se conclua. Por outro lado, focalizar-se sobre a segunda parte dessa expressão, o caso genitivo, formação *de professores*, espaço por onde encontraremos mais com os sujeitos discentes do processo e menos com os sujeitos situados na posição de docentes.

Na formação inicial, os professores estão recebendo um tratamento, emergindo de interações, na relação com conteúdos teóricos e conceituais. Na formação continuada, lidamos com professores já habilitados, diplomados e em exercício, que buscam ganhar novas camadas de atualização, ressignificações e transformações de suas formas já dadas de exercer sua profissão.

Tendo em vista o horizonte temporal da formação, situamos os professores em diferentes momentos de suas carreiras, desencadeados desde os primeiros momentos em que se conclui a formação inicial. Esta pesquisa situa-se no início do processo, por dentro da formação inicial. Entretanto projetivamente não abandona a realidade vindoura de professores regentes, em exercício, que se movimentam em busca de complementação, acréscimos, novas camadas enquanto já estão na profissão. Para agirem enquanto docentes, ou mesmo efetivamente recorrendo a cursos de atualização, formação continuada ou aprofundamentos de sua pós-graduação, buscarão em sua memória de experiência de formação inicial, como se retornassem ao espaço original, à universidade, porém, com outros olhos. Queremos observar os seus modos

de ancoragem singulares e inovadores, suas articulações engajadas em elos propostos, na corrente que os impulsiona e nos questionar sobre os fins desse processo.

4 O NOVO ESTUDANTE E OS VELHOS PROFESSORES: QUEM SE ATUALIZA?

Em nossa realidade de uma universidade pública, numa Faculdade de Educação responsabilizada pela formação inicial de licenciandos, podemos observar empiricamente que o novo perfil de estudantes com os quais convivemos e interagimos tem características que nos surpreendem, trazendo para dentro das salas de aula padrões intelectuais que desafiam formas arraigadas, internalizadas ou naturalizadas. A universidade se popularizou, abrindo mais espaço do que nunca em sua história a estudantes negros, de classes populares, que assumem gêneros novos, multiplicando as possibilidades de constituição heterogênea deste sujeito discente estudantil (futuro professor da educação básica).

Constatamos novas interações entre docentes e os sujeitos discentes, potencialmente futuros professores, engajados politicamente em pautas mais complexas, atravessadas por uma interseccionalidade presente, e não são apenas as mudanças constatadas dentro dos recintos universitários que refletem as mudanças extramuros dessa instituição. A bagagem que carregam como seus capitais sociais é outra, feita de militância, de valorização de sua identidade, lutando para ser reconhecida, e desejam da formação universitária novidades, ainda está por se construir. Ora, tais transformações do perfil do estudante universitário já não são de hoje. Há mais de 10 anos os estudantes universitários têm se modificado em função da lei de cotas. Hoje, já se pode encontrar professores que buscam formação continuada e que foram formados segundo essas diretrizes nas relações do ensino universitário.

Pesquisas sobre relações de ensino universitário retecidas nos letramentos acadêmicos têm por motor a responsabilidade de se compreender no contexto analisado, observar os efeitos que pode repercutir, mas também as limitações e impossibilidades, de modo que possam se reajustar e, nestas transformações de sua estrutura , os eventos acadêmicos destacados e anotados a partir da realidade dos acontecimentos universitários que se tornarem significativos, possam trazer para nosso horizonte de

questionamentos a possibilidade de análise e consequente transformação do ambiente de convívio em que o letramento acadêmico se encontra em plena realização.

O objetivo de compreender aspectos discursivos da formação de professores da Educação Básica, licenciados em Pedagogia, atuantes nos anos iniciais da Educação Básica em sua ação como sujeitos profissionais, a partir da análise de interações por meio de textos lidos, escritos, presentes na oralidade acadêmica, aproxima-nos de uma compreensão da constituição subjetiva de professores. O intervalo entre o discurso e a prática, medindo distâncias e impossibilidades de sua configuração mútua, é alvo desta pesquisa-formação.

Analisar as constituições subjetivas docentes e discentes a partir da análise de interações que ocorrem no âmbito universitário tem um objetivo imediato de ajuste das práticas de letramentos acadêmico com um novo público em questão. Porém, indiretamente ou mais a longo termo, também almejamos que tais conclusões de pesquisa possam permitir eventualmente impactar as práticas docentes desenvolvidas em salas de aula, na educação básica. Da mesma forma como nós professores universitários estamos em busca de formas de interação ajustadas a novas identidades discentes, também os alunos da educação básica modificam-se substancialmente, e os professores deveriam a estes se alterar suas condutas de interação. Se forem considerados em sua nova intelectualidade, com traços de uma formação universitária que inclua novas epistemologias, os estudantes formados em docentes estarão aptos a serem propositores de modos educacionais interlocutivos de ação na escola, junto a sujeitos infantis ou adolescentes, em interações que se deem de maneiras mais autorais e dinamizadas. A metodologia da pesquisa-formação se materializará nos encontros entre a formadora pesquisadora e sujeitos professores em formação (a) continuada e (b) inicial, observando-se as possibilidades de emergências de novos discursos nestes espaços tensionados interlocutivamente.

5 CONTEXTOS: TERRENOS DE EVENTOS

A seguir, delineamos resumidamente os contextos dentro dos quais nosso interesse por pesquisar os contornos e tensões produzidos entre docentes e discentes em práticas de letramento acadêmico. A participação dos contextos de uma perspec-

tiva docente provoca-nos como sujeitos e nos instiga a analisar episódios que, tratados pelas mãos da pesquisa, tornar-se-ão em *eventos* de letramento (Street, 1984; Kleiman, 1995),:

1 ENSINO

No Curso de Pedagogia, lidamos com a temática do ensino da língua portuguesa, em disciplinas cujo tema é a linguagem, a saber: Alfabetização e Letramento, Didática da língua portuguesa e Literatura Infantil, por exemplo. Em nossos propósitos didáticos, inclui-se a construção por parte dos estudantes de uma percepção da *relação com a língua*. Ora, estamos tratando de formas como aprendizes infantis se aproximarão da Língua Portuguesa como objeto de conhecimento, entretanto esbarramos em uma relação dificultosa dos futuros professores. Como poderão observar os processos infantis se seus próprios processos parecem apresentar bloqueios, o que não lhes permitirá observar de modo a impulsionar a relação das crianças suas alunas com a língua? Tomando o curso de Pedagogia como parâmetro de um curso destinado à formação de professores, situamos este campo como problemático e rico de questões a serem enfrentadas para nossa análise. Constatamos eventos de letramentos nos quais estudantes se expressam pela escrita de forma tímida e reprodutora, leem sem uma compreensão mais interpretativa e crítica e, ainda, segundo práticas sociais de oralidade que são pouco afetadas pela imersão na experiência de letramento acadêmico.

A análise dos trabalhos finais de alfabetização será tomada como diretriz para escrutinar a relação entre sua própria experiência acadêmica de estudos, leitura, escrita e imersão em teorias e conceitos, dado que nestes se demanda uma revisão crítico-teórica de três grandes eixos de abordagem da temática da alfabetização no Brasil seguida de análises de textos infantis, com critérios embasados conceitualmente apresentados na primeira parte.

2 EXTENSÃO

Coordenamos um projeto de extensão que já se encaminha para seu quinto ano consecutivo. Este tem engajado licenciandos originários de diversas licenciaturas, prioritariamente de Pedagogia, porém também de Letras, Biologia, Teatro e Ciências Sociais. Por ele, já passaram em torno de uma centena de estudantes, todos

licenciandos. Ocupam a posição de mediadores de leitura literária junto a crianças em escolas públicas de anos escolares que variam (de acordo com a escolha de cada escola) entre educação infantil (pré-escola) e anos iniciais do ensino fundamental[4]. Para desenvolverem as mediações, escrevem previamente planejamentos e posteriormente relatos. Apresentam oralmente alguns destaques de seus planejamentos e relatos oralmente, no coletivo do grupo, e ainda têm o incentivo de se apresentarem em eventos acadêmicos, chegando a produzir artigos que vêm sendo publicados em anais de congressos, em publicações de eventos locais (de tipo iniciação científica) e ainda em *ebook*.

Imersa na posição de coordenadora e orientadora de trabalhos, observo e anoto aspectos importantes da sua relação com a leitura literária, antes de tudo, mas de sua própria escrita, leitura e oralidade. Graduandos que atuam como mediadores de leitura literária acendem luzes sobre a sua parca relação com a leitura literária, dentre as diversas formas de leitura e escrita que aparecem no item anterior.

Temos equacionado um trabalho de pesquisa monográfico sob minha orientação que colocará em contraste as relações com a língua de distintas formações de licenciandos: letras e pedagogia. As duas sub-esferas de letramento acadêmico, Pedagogia e Letras, cujas formações disciplinares propostas são distintas, produzirão relações específicas com a linguagem. Quais seriam os efeitos nas suas práticas de mediação, ou seja, de interação com as crianças em torno de textos literários que se propõem a ler?

Nos dois contextos mencionados, localizamos o campo de estudos da *formação inicial*, que podemos conceber como germe do letramento profissional docente. O trabalho de professores de ensino superior (re)inaugura possibilidades nas carreiras dos docentes. Este pode ser escrutinado com proveito, através de uma pesquisa com os moldes aqui esboçados. Nas duas vertentes de análise, ensino (1. *supra*) e extensão (2. *idem*), presentes na formação dos estudantes licenciandos, escolhemos focalizar sua formação como leitores e a relação desta leitura com a produção escrita e de práticas sociais de oralidade.

4 O projeto de Extensão é uma parceria entre UFRJ/ Faculdade de Educação/ LEDUC (Laboratório de Estudos de Linguagem, Leitura, Escrita e Educação, e a Ong Parceiros da Educação Rio de Janeiro. O financiamento recebido origina-se num Edital do Ministério da Cultura (MINC), através da Lei Rouanet. Em 2025, 21 escolas são contempladas, cada uma com um mediador que atua duas vezes por semana durante seis horas a cada vez.

Na graduação, em disciplinas de linguagem, observa-se o conjunto de textos solicitados como base para as discussões apresentadas, nas disciplinas ofertadas, assim como a postura sobre ter atendido à solicitação, eventualmente suas anotações das aulas (em cadernos manuscritos), e as observações sobre os aspectos anteriores, expressas na oralidade presencial. A observação de nossa própria ação sobre as formas textuais solicitadas em diferentes disciplinas presentes nos currículos formadores, em que a linguagem, em suas formas escrita e lida, é concebida e avaliada por professores universitários de distintas formações disciplinares atuantes na formação de professores (Lea; Street, 2014). Para os estudantes, cursar a graduação tem caráter obrigatório e não remunerado, enquanto (est)a extensão é uma escolha de acréscimo ao currículo e é remunerada.

Há repercussões recíprocas interalimentando os diferentes funcionamentos discursivos formadores dos mesmos licenciandos partícipes entre os dois contextos de ensino e extensão, pois nas aulas de graduação, tanto alunos quanto a professora mencionam o projeto de extensão. Este, enquanto um espaço formador de praticantes futuros docentes, é trazido sempre à baila nas aulas, como ilustração de casos pedagógicos de formação de crianças leitoras e escritoras, implementados por estudantes seus iguais. Ao mesmo tempo, no projeto de extensão, os mesmos estudantes inseridos no contexto 1., de graduação, veem-se diante da necessidade de se tornarem mediadores formadores de leitores literários infantis, tornando-se necessária sua formação de professores leitores (adultos, profissionais) literários.

A oportunidade de estar na extensão permite-nos reunir ensino, extensão e pesquisa, pois, neste projeto de extensão da Universidade, têm nascido, e pulsam, com reflexões, estudos e práticas acadêmicas típicas de pesquisa, tais como: a) apresentações de em torno de vinte trabalhos em congressos, posteriormente elaborados e publicados em anais; b) realização de duas oficinas internas na universidade e um seminário local; c) organização de um e-book, além de d) apresentações internas de trabalhos de iniciação científica.

Os dois contextos escolhidos para a análise circunscrevem espaços de formação inicial. Na sua continuidade, a pesquisa tomará por seu escopo ainda relações de professores em exercício, engajados em processos de formação continuada, em cursos de extensão universitários oferecidos na Universidade, identificando im-

pactos transformadores sobre a relação particular das docentes com a teoria sobre a linguagem, especialmente expressa em seus textos escritos sobre a temática da alfabetização[5].

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando por nosso objetivo geral o letramento acadêmico e seus modos de acontecer, ressaltando-se o solo da tríplice dimensão da pesquisa, ensino e extensão (sem hierarquização), desdobramos nossos questionamentos de pesquisa sobre a formação leitora e escritora dos professores, situando de forma inicial a experiência múltipla dos sujeitos discentes da graduação. Focalizamos a ação de formar professores, buscando identificar qualitativamente desdobramentos efetivos que pudermos imprimir ou fazer nascer na subjetividade docente, analisando desdobramentos sobre a própria prática docente de ensino superior.

Além de atentarmos para os efeitos de nossas propositivas formações sobre os sujeitos, torna-se importante ressaltar que, nesta postura de pesquisa, nos auto incluímos na análise, considerando a nós mesmas como sujeitos da pesquisa. Dispomo-nos a tomar nossas subjetividades e sua constituição na relação de formação: a ser descritas, criticadas e analisadas, por dentro das relações que se criam nas interações, nos *tête-à-têtes* com os discentes, nos cursos das formações em sua plena realização. O aparato teórico que nos subsidiará nas análises elucidará as formas dialógicas (Bakhtin, 2003), o jogo de imagens Pêcheux, 2014), as exotopias (Bakhtin, *idem*) entre docentes e discentes, de modo a analisar *acontecimentos* (Geraldi, 1991) nas salas de aula da Universidade.

A pesquisa ainda em fase inicial se propõe a longo prazo estabelecer um mapeamento de nossas ações de formação de professores, a partir da identificação de diferentes práticas formadoras. Para situar em grandes eixos as nuances de configuração dessas práticas formadoras desenvolvidas por nós, universitárias, recordamos que professores universitários deveriam cumprir os eixos de atuação previstos no

5 No contexto em questão, a ser considerado apenas em etapa ulterior, os processos de formação continuada propostos a professores regentes na Universidade instigam os docentes a escreverem artigos, relatos e outros gêneros pertinentes.

modelo de Universidade, sustentado pelo tripé da pesquisa, ensino e extensão. Cada um destes espaços-tempos de nossa atuação como docentes do ensino superior na instituição acadêmica agrega formatos típicos, realizados ou subvertidos. Analisamos tais formatos, pelo viés de gêneros discursivos que povoam a vida universitária. Buscamos identificar os gêneros propostos e avaliados entre docentes universitários (formadores) e docentes em formação, responsivos às solicitações.

Nossas formas de atuação junto aos formandos são moldadas pelo letramento acadêmico, revertendo o que concebemos como ensino em formatos textuais que dão contornos genéricos aos discursos produzidos no espaço universitário (Fiad, 2017; Lea; Street, 2014). Professores formadores propõem leituras de textos, referem-se a estes como leituras compreendidas e refletidas, sugerem formatos de elaboração de outros textos, promovendo uma gama diversificada de experiências com a linguagem. As ações junto aos formandos sob nossas orientações em propostas implementadas através de textos, lidos de formas por nós encaminhadas (mais ou menos) explicitamente, desdobram-se em ações nas salas de aula de formações iniciais, em ações extensionistas e em orientações que formam pesquisadores novatos, especialistas de cursos de Pós-Graduação *lato sensu*, mestrandos e doutorandos.

A responsabilidade dos atos formadores depende da responsividade (Bakhtin, 2003) dos formandos. Ao propor formatos de escrita, de leitura e até de oralidade acadêmicas e ao avaliar o que é produzido, estaremos naturalizando um letramento autônomo (Street, 1984)? Nosso ponto de vista assumido torna-se naturalmente aquele legítimo da Universidade? Sugerimos textos a serem lidos e escritos com propósitos explicitados aos formandos, para quem o percurso curricular universitário é novidade? O discurso universitário pode subverter sua já estabelecida visão monológica e autoritária? Ou há diálogos que o moldam, subvertendo as formas por tradição escolhidas e propostas por nós? É possível encontrar a brecha de responsividade da recepção de novos conhecimentos, por parte daqueles que ocupam a posição de formandos, que serão professores?

A intenção desta pesquisa é a concreta proposição de transformações nos moldes estabelecidos de interlocução, que se adaptem às condições de recepção e desenvolvimento dos novos estudantes em formação inicial, futuros professores em formações continuadas. O resultado de pesquisa almejado será, portanto, uma agenda de modificações e projetos que possam contar com a disposição de professores universitários.

REFERÊNCIAS

ANDRADE L. T., A montagem de uma pesquisa: a formação de professores alfabetizadores e suas exotopias constitutivas, *Revista da ABRALIN*, São Paulo, v. Eletrônico, n. Especial, p. 311-331, 2011

BAKHTIN M., *Estética da criação verbal*, São Paulo, Editora Martins Fontes, 2003

CASTRO, L. R. de & BESSET, V. L. (Orgs.) Pesquisa-Intervenção na infância e Juventude Trarepa/Faperj, Rio de Janeiro, 2008

CRUZ G. B., PAIVA, M. M. & LONTRA V. A narrativa (auto)biográfica como dispositivo de pesquisa-formação na indução profissional in *Revista Brasileira de pesquisa (Auto) biográfica*, Salvador, p. 956-972, set./dez. 2021.

CRUZ G. B., FARIAS I. M. S. & HOBOLD M. de S. (Org.), *Pesquisa-formação e indução docente* Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2025.

FIAD R. S. Pesquisa e ensino de escrita: letramento acadêmico e etnografia. *Revista do Gel*, São Paulo, v. 14, n. 13, 2017.

FREIRE P. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

GERALDI J. W., *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KLEIMAN A., Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN A. B. (org.) *Os significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.* Campinas, SP.: Mercado de Letras, p. 15-61, 1995.

LEA M. R.; STREET B. V. O Modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 16, n 2, 2014.

MOITA F. M. G.a S. C. & ANDRADE F. C. B. de Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação *Revista Brasileira de Educação* Rio de Janeiro, v. 14 n. 41, ANPED pp. 269-280 maio/ago. 2009.

PÊCHEUX M. *Por Uma Análise Automática Do Discurso - Uma Introdução À Obra De Michel Pêcheux*. Campinas, S.P. Editora da Unicamp, 2014.

RIBEIRO D. *Lugar de Fala* São Paulo, Editora Jandaíra, 2019.

ROJO R. H. R. & MELO, R. A arquitetônica bakhtiniana e os multiletramentos in ROJO, R. H. R. & NASCIMENTO, E. L. (orgs.) *Gêneros de Texto/Discurso e os desafios da contemporaneidade***,** Campinas: SP, Editora Pontes, 2014.

STREET B. V. *Literacy in theory and practice.* London: Cambridge University Preess, 1984.